

Entrevista com Abrelino Freitas

Realizada em 12/01/96

E. Quantos anos o senhor tem seu Abrelino?

A. A minha Idade?

E. A sua Idade?

A. A minha idade eu sou de 1908.

E. 1908. Então o senhor tem 87.

A. Estou bem usado.

E. Pra 87 o senhor está bem conservado, eu jamais diria que o senhor tem 87 anos,

A. Essa é a minha idade eu sou de primeiro de quatro de 1908.

E. Primeiro de Abril.

A. É

E. E não é mentira.

A. Nascido no estado do Rio Grande do Sul.

E. O senhor nasceu onde seu Abrelino?

A. Eu nasci na no município de Cacimbinhas.

E. Onde fica, que região que é?

A. Fica na zona sul.

E. Pelo lado de Bagé?

A. Fica vamos dizer assim entre Bagé e Pelotas. Naquela região ali, hoje é Pinheiro Machado.

E. Na época era Cacimbinhas?

A. Cacimbinhas.

E. O senhor veio pra Porto Alegre com que idade?

A. Vim pra Porto Alegre com 16 anos por aí

E. O senhor veio direto de lá pra cá ou foi morar em algum outro lugar antes?

A. Não, não eu vim assim estacionando em diversos lugares porque eu passei a trabalhar numa rede fonográfica da Viação Férrea.

E. Ah, o senhor trabalhou na Viação Férrea?

A. Trabalhei na Viação Férrea e estavam instalando uma rede fonográfica tinha o telégrafo e a fonográfica que era o telefone e nós podíamos de Passo Fundo e Piratini aquela ali Serro Chato até Monte Negro colocando, instalando aquela linha. E depois eu fiquei por aqui e aqui estou né e vou terminar por aqui pois me adaptei muito bem por aqui e tenho família e..(telefone toca...com sua licença)

E. Seu Abrelino, os seus pais, seu pai sua mãe tinham que atividade lá em Cacimbinhas trabalhavam com que, o seu pai por exemplo?

A. Um pedritas mesmo. O senhor, a finalidade é sobre o sindicalismo ou sobre a vida..

E. Eu vou lhe explicar. A questão é a seguinte, pra mim é importante conhecer de várias pessoas quais são as origens até de ocupação das famílias e tal e como isso foi mudando de uma geração pra outra. Normalmente eu tenho entrevistado pessoas que os pais eram da

E. Eu acompanhei um pouco pelos jornais. Foi após aquela greve que houve a intervenção ou foi mais tarde?

A. Não, a greve não foi propriamente motivada pela aquela intervenção, aliás a intervenção não foi motivada pela greve. A intervenção foi mais assim por desvirtuamento de conduta da direção na época. Porque os sindicatos precisamente naquela época que eram tutelados pelo Ministério do Trabalho as diretorias tinha que cumprir ser classistas e usar como meta a política e econômica e profissional da categoria a que eles dirigiam e isso não vinha acontecendo e isso não vinha acontecendo naquela época naquela diretoria então eu fui substituir com determinação legal foi essa troca não foi a greve não.

E. Foi mais ou menos neste período da década de trinta ou foi posterior?

A. Foi posterior, posterior.

E. O senhor entrou em que ano como interventor?

A. Eu não posso precisar a data mas foi em 40/39/40/42/43/44/45/ acho que foi em 46/47

E. Já foi depois do Estado Novo depois da

A. É porque o Estado Novo quando ele deixou de ter existir como Estado Novo mas permaneceu as determinações que vinham do Estado Novo que era o controle das organizações sindicais pelo Ministério do Trabalho tanto é que nós tínhamos que fornecer para o Ministério do Trabalho mensalmente um relato da de toda o movimento do sindicato, o movimento social, a prestação de assistência jurídica. Nosso sindicato teve um desdobramento muito grande porque ele saiu um pouco fora das suas obrigações estatutárias que era assistência jurídica que era o principal na época, assistência a ser prestada ao associado na época. Então nosso sindicato passou a mais a assistência jurídica, médica, dentária, social. Tornou-se assim uma espécie de verdadeira como vai se dizer casa da família do trabalhar, onde ele tinha tudo. Assistência médica, jurídica, a orientação na no sindicato sobre o trabalho como proceder etc..etc.. Então na época nós tínhamos o sistema jurídico da que regia o sindicato quando chegava dar uma assembléia ou o os associados pediam uma assembléia do sindicato para tratar de determinados interesses decorrentes do trabalho, nós o sindicato tinha que registrar o pedido na delegacia do trabalho e trazer a devida autorização. Esse era como se regia o sindicato, mensalmente nós fornecíamos, por exemplo, os quadros de contribuições, movimento econômico do sindicato, quantos associados, quantos assembléias, o atendimento médico, aquela coisa quantas consultas, quantos exames laboratoriais, um desdobramento completo do que ocorria dentro do sindicato durante o dia, a semana, o mês. Quando o mês fechava ia aquele relatório para a apreciação da Delegacia Regional do Trabalho e tirar conclusões que julgavam necessário. Também tinha um auxílio, uma subvenção que vinha do na época de um fundo do governo do ministério do trabalho dava uma verba de acordo com o serviço prestado ao trabalhador aquela verba era destinada aos sindicatos e associações filantrópicas que cooperaram e isso foi até até 50 mais ou menos, porque em 47/48/49 nós tivemos o primeiro congresso dos trabalhadores na indústria. O primeiro congresso dos trabalhadores na Indústria esse congresso ele se realizou em Petrópolis no ginásio,

no Hotel Pitanguinha lá onde se reuniram todas as delegações dos sindicatos da Indústria e lá então foi o Primeiro Congresso dos Trabalhadores da Indústria

E. Primeiro Congresso de Fiação e Tecelagem

A. Exatamente. Da qual nós participamos A nossa delegação do Rio Grande do Sul nós todos estados que tinham participado desse congresso. Foi de 20 de setembro a..

E. E foi criada a Federação? Ou já existia? Federação ou Confederação? Vocês já tinha a Confederação Nacional?

A. Primeiro a Confederação Nacional e as Federações criadas as Federações a Confederação, a Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria com sede no Rio de Janeiro e as Federações nos estados que como órgão de segundo grau, primeiro grau a Confederação onde asentei e em segundo grau as federações.

E. Antes da intervenção o senhor já era associado aos sindicatos? Desde que ingressou na indústria? Desde que ingressou não, porque nem existia.

A. Sim, logo em seguida porque naquela época o nosso sindicato estava em formação e era Associação e logo em seguida então, naquele ocasião que se formavam e debatiam os procedimentos a serem seguidos a de associação a sindicato, então foi naquela época, não posso precisar, 42/43 a associação, 43/44/45/ há o reconhecimento da carta sindical

E. Então foi na década e de 40

A. É na década de 40

E. Porque havia um sindicato do setor mais ou menos ainda em 34 /35 já existia

A. Isso seria associação, não sindicato propriamente

E. Não reconhecido?

A. Não reconhecido. Como não sendo reconhecido é associação. Inclusive parece que eu tenho aqui qualquer coisa. Aqui é o congresso, o primeiro congresso dos trabalhadores. Aqui está a número um da Associação, quando discutiam o que iam fazer. Por aqui começou

E. São os primeiros?

A. É por aqui começou

E. Em 42?

A. Em 42, a partir dessa data antes tinha assim vamos dizer um agrupamento mas não tinha uma definição do setor têxtil, por exemplo, tinha a fiação, a tecelagem, confecções, então eles criaram um movimento queriam se agrupar e não sabiam como e nem a própria denominação que iam dar. Saíram como Panuelos e depois Sindicatos e Associações de Trabalhadores na Indústria e Tecelagem e Confecções e tal e tal, então depois mais tarde é que teve o enquadramento. Então no enquadramento ficou como Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Fiação e Tecelagem, ficando o outro lado o Sindicato dos Alfaiates e Costureiras. Que é um outro sindicato que está com sede na Pinto Bandeira. Que é da mesma época.

E. Agora um caso o Renner, por exemplo era uma indústria que tinha os dois setores na mesma indústria, tanto a tecelagem quanto a fiação. Mas isso era muito comum na mesma indústria ou era?

A. Não, não. O Renner era uma exceção, porque as demais indústrias não tinham a dupla atividade.

- E. Se especializavam ou em um ou outro ramo.
- A. Porque o Renner produzia e confeccionava então tinha as Confeccões Renner que ainda existe até hoje, só que é RV.
- E. RV, exatamente
- A. Na época era confecções Renner, de fiação e tecelagem com outros diversos serviços, lavanderias, acabamentos
- E. Mesmo conserto de ternos
- A. Setor de lã, lavagem de lã, beneficiamento de lã, tingimentos de lã, aquela coisa né então tinha diversos setores e terminava na fiação e depois na tecelagem, na tela no pano pronto e dali ia pra confecção que por sinal era uma um produto de muito boa presença e repercussão memso no comércio, tecido Renner e tal aquela coisa, tanto é que depois foi extinto o Renner continua com o RV.
- E. Na época o senhor tem idéia de quantos trabalhadores tinham no Renner? Aproximado.
- A. Precisamente, assim mais ou menos né é vamos dizer que ocupando nas indústrias Renner ali deveria ter uns 4 mil, 4 mil.
- E. Pra época era muito grande.
- A. Muito grande, tanto é que na época o Renner, na época de fim de ano na época de quando eles faziam aquela reuniam seus representante de vários estados chamavam-se vendedores era um número de quase 500 e trabalhadores em diversos setores. Porque o Renner era Renner Fiação e Tecelagem, Renner Confeccão, Renner Manipulação de Lã, aquela coisa toda, Renner Tintas Renner, Chapéu Renner, Calçados Renner.. então aquilo ali era um aglomerado enorme um espetáculo aquilo ali quando na primeira hora do dia começava a chegar o Renner foi uma organização industrial de primeira grandeza, tanto é que foi considerado o Patrono da Indústria do Rio Grande do Sul, o seu Jacó Renner, foi considerado e recebeu o título de Patrono da Indústria do Rio Grande do Sul, pela organização. Naquela época os meios de transportes eram precários e as próprias vias de acesso eram precários e o contingente de trabalhadores era muito grande né então se expandiu por diversos lugares, grande Porto Alegre, como chamam, Guaíba, Canoas, Esteio, Alvorada, não existia Alvorada existia Aldeia dos Anjos Sapucaia, hoje é Gravataí..(telefone toca..com sua licença).. Com a precariedade de transporte o Renner importou um grande número de bicicletas(risadas) para meio de transporte para os que moravam mais distante, de manhã nas primeiras horas era aquele fluxo de ciclistas chegando, então já tinha o lugar apropriado e numerado. O número do trabalhador, cada um tinha o seu número, em ordem, então a bicicleta ficava ali no canto, tudo arrumadinho, coberto, direitinho. Tudo como se fosse uma loja de bibicetas. De sorte que o Renner era uma organização perfeita, com cooperativa de crédito, de fornecimento de gêneros e uma série de outras organizações....
- E. Uma série de benefícios.
- A. De proteção, amparo ao trabalhador, assistência médica correta, perfeita e ágil. Muito.
- E. Como era a relação do Renner com o sindicato?
- A. Muito boa, muito boa, ótima, excelente. Poderia servir de padrão para todas as indústrias onde existeeles reconheciam quando o trabalhador reclamava fosse lá da natureza dele de trabalho ou qualquer coisa assim que ele achasse que estava sendo

prejudicado vinha o sindicato e o sindicato imediatamente, quando era assim um problema meio meio meio meio assim que tivesse uma discussão mais mais acadêmica como se diz né, então a assistência jurídica acompanhava a diretoria do sindicato e era recebida de maneira muito solícita e se discutia o problema lá tal e tal propunham revisar, não comiam o reclamante era uma coisa completamente, muito digno, muito boa, muito humana

E. Do ponto de vista da negociação salarial também?

A. A sim, a discussão salarial ela sempre foi feita em conjunto as indústrias

E. Sindicato Patronal?

A. Sindicato patronal com representantes de cada indústrias e com exceção de alguma indústria mais afastada, que talvez lá mas na maioria as maiores todas elas faziam representar os seus e com assistência jurídica de parte tanto de uma parte quanto da outra então ali aquela discussão normal sobre a defasagem de salários e o aumento de custo de vida e aquela arenga que é muito comum e normal.

E. E que continua até hoje.

A. Então se chegava a um denominador comum e quando havia assim alguma ponto em alguma cláusula, um desentendimento ou que não se chegasse a um ponto de vista comum a um entendimento né

Lado 2 – Fita 1 Abrelino Freitas 12/1/96

E. De sindicalização mesmo dos trabalhadores era grande? E IMAGEM

A. Era grande. INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR - UFRRJ

E. Mesmo apesar dessa assistência que a empresa dava? Porque, às vezes a assistência era até um atrativo.

A. Não, sabe o que fazia com que o número de associados fosse maior era que na época os sindicatos tinha assim por orientação ter delegados do sindicatos junto aos operários nas firmas e aqueles delegados eles tinham a função de: pequenas divergências e, às vezes até algum mal entendido, o delegado era uma pessoa mais ou menos esclarecido então ele intermediava aquilo e estava resolvido todos os problemas, que às vezes era um problema de serviço, de horário, questõeszinhas assim domésticas. Então os delegados procuravam resolver aquilo de maneira satisfatório e com aquilo fazia com que o trabalhadores que estavam e o delegado mesmo diz: vai te sindicalizar e tal e já levava propostas e a firma não opunha obstáculo nenhum, então na hora do descanso no meio dia na hora das refeições, preenchiam lá um certo número de propostas e já vinha pro sindicato e se desenvolvia a aproximação ao sindicato. Tanto é que na época nós não tínhamos sede nossas assembléias eram mais ao ar livre, no pátio, vinham a a fluência era muito grande. Quando uma assembléia pra discutir lá um determinado horário ou uma condição de serviço, ou aquelas aqueles problemas que surgem assim Então vinham pro sindicato pra ser debatido e discutido e aplainado também como nas épocas dos dissídios eram em épocas distintas, o mês certo, o dia certo de dos dissídios e com o

tempo de antecedência se convocava as assembleias, os trabalhadores em assembleia pra se discutirem percentuais, condições, creches, assistência médica, tudo o que cercava a vida do trabalhador da Indústria têxtil. E pra ser incluído aquilo na cláusula do processo.

E. Vocês organizavam comissões?

A. Exatamente. Tinha por norma na época, a assembleia indicava três elementos da categoria pra acompanhar a diretoria nas tratativas então todas as vezes que se reuniam com o sindicato tanto dos trabalhadores como da patronal pra tratar das questões do dissídio, as tratativas e cláusulas e condições e etc e etc...aqueles elementos estavam juntos, eles não participavam do debate mas eram ouvintes. Então depois iam nas firmas e diziam o que tinha sido debatido. Então o trabalhador acompanhava.

E. Estava bem informado

A. Aquilo tinha uma influência muito grande, as pessoas precisavam saber como estavam os andamentos dos dissídios e outras questões lá que eles levantavam e tal tal..isso foi debatido assim assim assim foi mais ou menos acordado, isso não vai ter acerto. Isso facilitava muito a aproximação do trabalhador aos sindicatos. E os sindicatos poderiam proporcionar uma boa assistência a classe a categoria uma boa assistência e junto a classe empregadora também ter uma boa aceitação. Porque não eram não se tinha não se tratava de não tinha hostilidade era tudo assim empregador empregado, cada um na sua área mas quando era pra tratar assuntos de interesse de ambas as partes era dentro de um princípio sério, correto, não havia nada de desagradável, que ocorresse que pudesse desagradar alguém.

E. Nesse período não chegou a ocorrer nenhuma greve ou...chegou a ocorrer greves em algumas indústrias ou mobilizações?

A. Ocorreu greves, mas greves, as greves que ocorreram só uma a última que ocorreu que foi no estado agora da época do regime militar mas essa foi uma greve que ela foi assim uma greve que ela teve todas que obedeceu todos os requisitos que determinava a lei de greve. Todos eles tanto é que foi acompanhada pelos elementos do ministério do trabalho das autoridades e teve duração de uma semana e terminou no tribunal.

E. Essa foi uma paralisação de toda categoria ou uma indústria em especial?

A. Foi toda a categoria. Foi toda a categoria.

E. E paralisações menores de fábricas por conta de questões específicas chegavam a ocorrer antes com frequência?

A. Não, não era comum.

E. Não era comum. O senhor falou que a categoria no caso juntando todos que não era só fiação e tecelagem no caso chegava a ter 4 mil. Agora a categoria de vocês de Fiação e Tecelagem depois que o sindicato foi organizado especificamente neste setor ela tinha quantos trabalhadores no conjunto?

A. A Fiação e tecelagem no conjunto ela deveria ter cerca de inclusive fiação tinha, todo setor porque vinha desde o preparo da lã, da matéria prima, se compreendia a preparação de lã, o tingimento de lã, lavagem de lã, cardação, separação, fio, fiação aquela coisa depois é que vinha a tecelagem e aquilo envolvia cerca de 1500 /1200 pessoas.

- E. Da categoria?
- A. Da fiação e tecelagem.
- E. Envolvendo várias fábricas?
- A. Pertencia ao sindicato da Fiação e Tecelagem. Depois tinham outras que eram de outros sindicatos. O calçado, confecções, tintas, louças, curtumes, chapéus.
- E. 1200 no Renner? Ou 1200 na categoria e juntando em outras fábricas da fiação e tecelagem a categoria seria de quantos trabalhadores mais ou menos?
- A. Depois do Renner vinha a Companhia Industrial Rio Guaíba que na época deveria ter 1500 pessoas da categoria, depois vem a Fiação de Tecidos Porto Alegre que também andava por aí 1400 pessoas, depois vinha a Arroseira Brasileira que empregava cerca de 400 pessoas. Depois vinha Chaves Almeida que tinha lá umas 200 (telefone tocou..)
- E. O senhor falou que tinha Arroseira que tinha 400
- A. Depois tinha a Chaves Almeida, depois do Chaves Almeida nós tínhamos a Industrial Gregol que tinha umas 60 pessoas talvez um pouco mais., a Chaves Almeida umas 200 pessoas, deveria ter um pouco mais.
- E. Isso tem uma certa oscilação por fábrica.
- A. É, mas na época não era muito.
- E. Não?
- A. Prevalecia a lei de estabilidade, depois é que criaram não me lembro bem a época que foi então veio o Fundo de Garantia e a Lei de Estabilidade caiu e o Gregol umas 60 ou 70 pessoas. Depois nós fomos pro setor de malhas. Setor de malhas e no setor de malhas há diversos, pra citar nomes é um pouco mas no conjunto aquelas indústrias de malhas da época que eram mais organizadas era Katzler, Dame, Botiso, Kinser, e mais outras de porte semelhante reuniam umas 300 pessoas.
- E. Nessa altura juntando tudo a categoria chegava a ter umas 3000 pessoas?
- A. Por aí assim.
- E. Vocês chegaram a ter quantos associados mais ou menos?
- A. Associados deveríamos chegar a 3000 mil.
- E. É um índice bem alto. Porque a média de sindicalização no Brasil é muito baixa.
- A. Em média não passa de 20%.
- E. Não passa de 20%, é muito difícil.
- A. Nós éramos privilegiados pela nossa organização sindical. O nosso sindicato chegou a servir de modelo para o início do serviço social da indústria que hoje é o SESI, porque nós possuíamos, por exemplo, no nosso sindicato tínhamos aqueles serviços prestação de serviços a categoria aos associados que já comentamos, nós tínhamos mais um grupo escoteiros, importantíssimo
- E. Juventude?
- A. Nós tínhamos uma escola de rádio técnico de formação se serviço manual de corte e costura e que serviu como modelo para o serviço social da indústria, que quando iniciou foi distribuindo agasalhos e alguns auxílios de primeira necessidade. Aí depois então eles copiaram inclusive e aproveitaram algumas professoras que atuavam no nosso sindicato

para atuarem lá no serviço deles, bem como médicos que atuavam no nosso sindicato foram dirigir o serviço médico deles. Já vê que nosso sindicato tinha uma certa projeção.

E. Esse tipo de atividade era muito comum no próprio círculo operário, que fica inclusive aqui próximo.

A. Mas o Círculo Operário era muito restrito. Era muito restrito. Era mais assim como vou dizer era restrito aos circulistas. Aquelas famílias, sabe como é a Igreja Católica por um princípio tem aquelas pessoas que eles chamam de..como que dão o nome..são aquelas pessoas que estão diariamente ali prestando serviços de um modo geral vão de manhã pra fazer.. são de um modo geral são gente que fazem parte da capela da igreja e o Círculo Operário não era diferente

E. Então eles trabalhavam mais com esse grupo.?

A. Exatamente essas famílias que tinham os filhos no colégio do Círculo aquelas famílias que cuidavam lá, era restrito não eram abrangentes e porque na época eram de pequena dimensão. Inclusive o nosso médico criaram o Serviço Médico na Policlínica do Círculo Operário. Que foi os Alencastros. Uns extraordinários facultativos, pessoas do mais alto gabarito e se propunham a prestar um serviço ao seu próximo ao seu semelhante indistintamente sem visar interesses pela dedicação profunda. A família a família Alencastro.

E. Família de médicos?

A. Médicos

E. O senhor comentou de passagem que não havia uma rotatividade muito grande por causa da estabilidade.

A. Exato.

E. Chegava a ser frequente o número de trabalhadores que atingia os dez anos de casa no caso para ter a estabilidade?

A. Ah sim era bastante grande o número.

E. Esta é uma categoria própria da porque tem algumas indústrias que sempre tem uma rotatividade?

A. Porque é o seguinte aquelas indústrias velhas, como Renner, Companhia de Tecidos, Portoalegrense, Companhia Industrial Rio Guaíba, por aí assim. Essas indústrias quase que a maioria eram estáveis, seus funcionários eram estáveis, depois com a quando foi instituído o Fundo de Garantia que foi na série de Conferência de Araxá das Indústrias não é, que era coisa deles eles foram debater lá o que eu não sei, foi naquela época que foi criada, foi instituído o Fundo de Garantia para eliminar a estabilidade do trabalhador porque eles consideravam antiprodutivo, inconveniente né, inconveniente pras indústrias. Foi por norma e até por dispositivo legal que tinha um limite para os estáveis e que possuíam estabilidade negociassem. Então as empresas, as firmas propunham chamavam o empregado que tinham estabilidade e propunham se ele queria negociar a estabilidade dele por X, então chamavam de Lei Nova.

E. Uma opção.

A. Tinha opção ou não tinha muita opção. Sabe como é o trabalhador está sempre querendo pegar uns troquinhos, precisando, querendo. Então pensava e tal concultava e as firmas informavam aqueles elementos no meio do trabalhador a vantagem do fundo

de garantia, era uma conta bancária, tem o seu nome e tal e quando quiser sair da firma, porque às vezes, você se prende na firma e quer sair da firma mas tem estabilidade e não quer perder e pra negociar é difícil, então isso facilita e vinha a proposta do 60%. Então quase que a totalidade negociou, muito pouco, raríssimo foi aqueles que ficaram pela tal de lei velha, mas raríssimo foi aqueles que ficaram pela lei velha e afinal de contas não tiveram vantagem nenhuma. Como diz o outro vai envelhecendo e vai indo e vai indo e chega a um ponto em que diz se eu não tivesse amarrado aí, né se eu tivesse optado, a conclusão foi essa de que a tal de Lei Nova, a opção pela Lei Nova.

E. O senhor começou a trabalhar no ramo ainda na década de 20/24/25. O senhor disse que estava em Porto Alegre?

A. É por ali.

E. E depois o senhor pegou um longo período ou dentro das fábricas ou acompanhando pelo sindicato também acompanhou um período muito longo da categoria até hoje. E como o senhor vê as condições de vida mesmo, quer dizer como operário do um operário comum na indústria da fiação e tecelagem como que eram as condições de vida, o que ele poderia ter em condições pra sua família, pra alimentação, pra vestuário, naquela época e depois nos vários períodos e até hoje. Quer dizer, perdeu muito poder aquisitivo? Ou era muito difícil a questão naquela época ou era melhor em relação a hoje?

A. Isso é muito complexo, a condição de vida da família, da família vai muito muito depende muito da organização da própria família. A condição da família assalariada depende muito da organização da própria família. Por exemplo, naquela época o assalariado o trabalhador o operário adquiria um imóvel pelo preço X, e passava 4,5,6,8,10 anos aquele X, na época chamava-se assim vou comprar a prazo, não existia as financeiras, imobiliárias essas coisas. Então tinha lá uma que outra estas vilas, Vila Floresta, Vila Jardim, Niterói, Esteio, por aí a fora esse grande Porto Alegre. Comprava um terreno lá por 200 mil réis, 200 cruzeiros, ia na madeireira e comprava madeira e quanto sai pra construir uma casinha assim de 4 peça, sai tanto. Dá pra eu lhe pagar a prazo? Dá. Então ele construía a casinha dele com pouco sacrifício porque ele já sabia botou tanto deve tanto X, chegava o fim do mês era aquilo não tinha acréscimo, acréscimos então tornava-se muito fácil e depois tinha a firma que tinha a cooperativa tirava da cooperativa o necessário pra alimentação da família, não tinha como tem hoje muita diversificação no sistema alimentar, o acondicionamento o leite e outras coisas, então ele levava o leite em pó, feijão o arroz e ficava então a carne pra comprar, umas coisinhas assim, a verdura que aquilo também na época era insignificante com aquele salário que era pequeno na época ele se tornava grande pelas facilidades que tinha. De sorte que ficava tudo dependendo da organização da família. Como criava os filhos. Maneira de vestir. Não tinha também assim muito onde gastar as diversões eram poucas então o trabalhador o assalariado não tinha muito onde gastar. Então se ele não era por exemplo, a sair do serviço ou receber o salário dele, o que era muito comum formar o grupinho e ir pro bar do Chico e lá dele e dele daí gastava uma boa parte do salário e chegava em casa já... e na época era muito comum comprar a caderno no armazém aí chegava no dia o dinheiro já não dava pra pagar o caderno, então tinha que se desculpar lá com o comerciante. Aí é onde entra a desorganização da família. Agora aqueles que

recebiam o ordenado e iam pra casa e primeiro saldar seus compromissos pra depois então..

E. Era possível?

A. Exato, esses aí tinham. Agora hoje por exemplo, de uma década pra cá quando entrou uma inflação galopante era uma coisa horrível. Criou muita dificuldade pro trabalhador, você fazia por exemplo, uma comprinha numa semana na outra era o dobro, e já as firmas mudaram muito de diretrizes já passaram a ter outras preocupações outros cuidados descarregar mais seus empregados pro serviço público, porque tem o INPS, INS, porque tem a... começaram né a se afastarem daquilo que antes eles se propunham a ajudar o trabalhador a assistência e já não dão. E depois um certo período quando estava muito agravante a situação que chamavam de ciranda financeira e então algumas firmas passaram então a distribuir a tal de sacola com o alimento com os gêneros de primeira necessidade, que o salário não chega no fim do mês com uma inflação de 30% ou 40% e isso refletia no salário ganhava 200 cruzeiros ele recebia no fim do mês recebia 120/110 uma dificuldade muito grande, nos últimos tempos a situação dos assalariados tornou-se mais angustiante. O sistema também, por exemplo, esse sistema de aquisição de casas, teve uma época que foi boa quando criaram as Cohabs construção de casas, aquilo ali principalmente os trabalhadores sindicalizados na época tiveram oportunidade de adquirir casas que estão pagando até hoje, mas pagam uma insignificância, muito pouco. Então foi um período depois acabaram com aquilo e caíram na ciranda das unidades financeiras e aí tornou-se a moradia, o sonho da moradia própria tornou-se ...

Entrevista com Abrelino Freitas

Fita número 2

Lado 1

E. Isso em termos de condição de vida. Já em termos de condição de trabalho no setor da tecelagem. O senhor falou que teve uma infecção em virtude da insalubridade.

A. Quanto ao trabalho hoje está muito mais modernizado. O serviço, hoje é mais a máquina que trabalha que produz, hoje por exemplo, no setor da no serviço onde é mais insalubre por barulho sons zumbidos já tem máquinas modernas, silenciosas já não dão aquele barulho que prejudicava a audição.

E. Esse era um dos problemas?

A. Esse era um dos problemas graves numa época se usava aqueles aparelhos mas aquilo prejudicava o trabalhador, criava um mau estar ficava com aquele troço no ouvido e se sentiu mal e muitos não queriam saber daquilo. Porque aquilo era um problema. E então começou a vir máquinas modernas, mas que são mais produtivas pro interesse da própria indústria, na época eu trabalhava com um tear, trabalhava uma pessoa, um tear, hoje uma pessoa trabalha com meia dúzia. Tem tear de máquina. O tear da época que se chama lançadeira, plac, plac, plac o dia inteiro no ouvido no trabalhador do operário do operador isso hoje não acontece eles são mais silenciosos.

E. Além desse tipo de problema da audição tinha o problema da inalação mesmo de no caso da juta.

A. Aquilo foi uma indústria que foi eliminada, porque aquela usaram um sistema assim de umedecê-la então quando ela saía de um preparo já tinha um grau de umidade que eliminava a flutuação daquela poeira. Entrava em outro setor já tinha um serviço de umedecimento de acordo, porque não podia ser seca demais porque estourava e úmida demais prejudicava o preparo e assim por diante com as máquinas de sugar o pó aquela coisa hoje entra num setor aí e não vê mais flutuar no ar aquela névoa (telefone toca)

E. Em relação a questão da insalubridade por exemplo, outros setores por exemplo, o senhor falou da cardação de lã. A cardação envolve muito a questão do calor e da umidade.

A. Do calor da umidade, isso aí as vezes surge algum problema entendeu, então é feito através de uma peritagem no setor pra com a presença do trabalhador designado pela justiça do trabalho pra fazer uma peritagem pra ver se realmente está fora do limite, acima do limite, tanto o zumbido o barulho, a umidade, a regularidade, óleo, alguma coisa. Essas coisas assim comuns. É feito levantamento técnico e analisado pra ver se realmente cabe o adicional aquele da insalubridade se couber é pago.

E. Em termos de risco de acidente de trabalho, quando tem algum tipo de acidente que ocorra com alguma coisa?

A. Olha acidente de trabalho no nosso setor ultimamente não.

E. Na época mais antiga havia algum tipo de acidente?

A. Haviam, eu inclusive eu conheci uma menina na onde eu trabalhei na Arroseira Brasileira perdeu o cabelo, até o couro cabeludo da cabeça, o couro cabeludo por causa de uma correia de máquina, por falta assim de preparo, vamos dizer de segurança na época. Trabalhava com máquinas onde tem movimento de pulia, correia, aquelas coisas, engrenagens o operador não deve estar com o cabelo solto, deve prender o cabelo uma proteção no cabelo, pra que o cabelo não venha... sempre tem uma pressão de ar puxa mesmo isso aconteceu mesmo, então essa menina perdeu o couro cabelo.

E. Isso acontecia então?

A. Sim, e acontecia pelo maquinário assim não muito adequado, maquinário da época né metia o dedo lá na engrenagem ou uma coisa assim

E. Ficava exposto.?

A. Mas coisa mais grave não, não.

E. Em termos do ambiente da ventilação? Condições de limpeza, higiene, vinham reclamações para o sindicato?

A. Sim, e por natureza e por natureza da do trabalho do do da manipulação do artigo que se produzia não podia ter ventilação muito grande. Por exemplo, no preparo de fios essas coisas, as janelas são altas, por exemplo não pode ter ar assim ventilador, não pode, isso aí é normal do próprio ramo.

E. Então o trabalho se dá num calor bastante intenso, no verão no caso num calor bastante.

A. Os setores de trabalho tem que ter bastante ar, ser espaçoso ser espaçoso para que. .porque quanto menos espaço, pois quanto menos espaço mais calor deve ser espaçoso.

E. O ruído também?

A O ruído tem menos influência sobre

- E. Por exemplo, quando o ser começou a trabalhar na década de 20/30, como eram as questões dos direitos porque na época estavam ainda se regulamentando as questões de jornada de trabalho e férias, foram direitos que foram sendo conquistados aos poucos?
- A. Aos poucos, exatamente
- E. Como era o seu caso na Arroseira, o senhor trabalhava quantas horas por dia?
- A. Olha nós tivemos naquele período de guerra, no período de guerra nós trabalhávamos 16 horas, 14/16 horas, 14/16 horas e nós tínhamos por excesso de hora uma porcentagem insignificante. Aí depois então é que veio, regulamentado o excesso, o horário, quer dizer quando veio a regulamentação de horas de trabalho, oito horas de serviço. Aí então as primeiras duas horas 20% depois dessas primeiras duas horas em diante mais, um pouquinho mais, veio também o horário noturno. Então o horário compreendido das 10 em diante era no horário noturno tinha um percentual maior e veio também sobre o trabalho de fim de semana, o Sábado e Domingo. Domingo né.
- E. O normal seria o trabalho até o Sábado ou não? Vocês tinham folga normalmente no Domingo?
- A. No Domingo.
- E. Trabalhava no Sábado normalmente?
- A. No período de guerra trabalhava no Sábado normalmente e, às vezes até Domingo.
- E. E houve realmente algum direcionamento da produção para a atividade militar ou não havia? No caso de vocês a indústria.. em alguns casos as indústrias produziam fardamento para o exército..
- A. Sim, sim, sim. Por exemplo, não na nossa lá. A nossa lá produzia assim muito pra fardamento de carne seca pra exportação e arroz pra exportação e arroz pra exportação.
- E. Inclusive para o abastecimento?
- A. Então, por isso que era preciso trabalhar muita sobre horas e agora para as forças armadas quem trabalhava muito era a Companhia Fiação e Tecidos Portoalegrense com serviços de agasalho, com manta, cobertores e essas coisas. As outras indústrias eu não tenho conhecimento, acho que não não chegaram a produzir artigo para e também não houve, só a Força Expedicionária, nós não tínhamos nada em terra.
- E. Nesse período, antes do período da guerra o que seria a jornada normal de trabalho?
- A. Dez horas, dez horas
- E. Dez horas. Dez horas de Segunda a
- A. A Sábado
- E. a Sábado e repouso no Domingo.
- A. E repouso no Domingo
- E. No caso não havia ainda a legislação das oito horas?
- A. Não. Isso veio após, a regulamentação da lei veio na década de 30.
- E. Quando veio a regulamentação ela era cumprida ou houve alguma demora na aplicação?
- A. Não, não aquilo se fazia de imediato por causa do sistema político. Ditava uma norma o Ministério do Trabalho e era imediato.
- E. Em relação as férias?

- A. As férias ela começou com 15 dias, 15 dias de férias, depois passou pra 20, de 15 passou para 20 pelo ato do então Presidente Gaspar Dutra, general Gaspar Dutra que a férias passassem para vinte dias úteis.
- E. Já depois de 45.
- A. Marechal Gaspar Dutra.
- E. Eu estou lhe explorando muito mas é que eu tenho muita coisa para lhe perguntar.
- A. Mas
- E. O senhor ia falar alguma coisa?
- A. Não pode continuar.
- E. Eu ia lhe perguntar uma questão que o senhor chegou a falar um pouco de que houve um desvio no período anterior a intervenção, um desvio no que diz respeito a condução do sindicato no que seriam as finalidades de defesa econômica da categoria. No caso seria um desvio político? Uma condução mais.... Antes da intervenção. O senhor falou que a intervenção ocorreu no período que o senhor entrou não é e que a diretoria anterior tinha desviado um pouco da do que seria a atuação...
- A. Orientação, orientação(ênfase) orientação mesmo
- E. Própria do sindicato?
- A. Orientação própria da categoria, teoria né
- E. Era de natureza política?
- A. É, porque a função precípua do sindicato pelos estatutos e pela determinações legais o sindicato é apolítico partidário(com ênfase), apolítico partidário. A política do sindicato é aquela que diz respeito as condições de trabalho econômica e social do trabalhador e quando não se segue esse ritual aí está se desvirtuando, e foi o que aconteceu. Inclusive o presidente do sindicato na época deu uma entrevista, infeliz, a um jornal em Caxias do Sul e depois foi chamado a se retratar. A se retratar e em uma época em que as leis eram muito rígidas e que o controle, o acompanhamento sobre a vida sindical era bastante severa e contínua foi chamado foi, quando ele foi chamado a retratar-se e retratou-se e tal e continuou na vida normal dele particular, mas afastado da direção do sindicato. Então foi nomeado uma junta e essa junta então coube a mim.
- E. A orientação no caso era uma orientação. Era ligado a outro partido uma... as declarações que ele deu, por exemplo, eram declarações sobre a questão política?
- A. É é é(exaltado) realmente é ele talvez assim não sei se por vaidade, ingenuidade como um líder sindical foi talvez induzido a entrar por um terreno fora da do que é da dizia respeito aos interesses sindicais, a política sindical. Passou para uma outra política
- E. Partidária?
- A. De pessoas, (risadas) envolvendo pessoas..
- E. Mais de pessoas do que de partido? Ou tanto pessoas quanto partido?
- A. É talvez, talvez era muito comum na época havia assim uma certa influência então..
- E. Na categoria que o senhor conhecia bastante por exemplo havia interesse muito grande por acompanhar os acontecimentos políticos do país, discutir questões políticas que estavam ocorrendo, por exemplo nas fábricas o pessoal tinha o hábito de ou nos intervalos, quando se encontravam fora do horário de trabalho de discutir os acontecimentos políticos, havia interesse grande?

A. Olha pro sindicato não, no sindicato não. Agora tinha né tinha grupos de operários que reuniam-se fora aqueles que eram partidários lá das suas tinham lá suas preferências por determinadas correntes políticas. Aquele era comum se reuniam naturalmente fora, embora, embora, embora, (ênfase) não fosse permitido reuniões para discutir determinadas lógicas políticas, na época não era permitido. Mas reuniam-se lá era coisa particular fora. Quanto no sindicato não.

E. Não, isso era proibido.

A. Não isso não. Não, não, não. Não isso não.

E. Eu digo mais fora mesmo porque nesse período é que surgiu mesmo....

A. Em uma ocasião, por infelicidade(risadas) infelicidade de alguns eles formaram um grupo e vieram pro sindicato, vieram pro sindicato, político, discutir só política e vieram pro sindicato com a intenção e o propósito de fazer prevalecer as suas idéias políticas partidárias no sindicato. Fui apanhado de surpresa, entendeu? De surpresa, mas isso não é só eu não aceitei a presença deles e pedi que se retirassem e ele eram muito insistentes né, muitos insistentes(...?) queriam fazer prevalecer as sua eram associado e isso e aquele outro e lavraram ata por conta deles e tal e uma coisa e tal e tal e tal mas tiveram a infelicidade de colocar na comissão deles os menores, fizeram lá os protestos deles. Aquela, barulho aquela baderna deles eu estou lá no meu canto firme só por favor retire-se, retire-se, retire-se(ênfase) e eles sabiam mas eu não ia fazer aquilo podia chamar imediatamente e iam escoltados mas não, pra que fazer isso. Tinha que usar da força, não. Tinha que deixar um pouquinho e dar um tempo ao tempo e depois foram embora aí eu tomei as medidas que devia tomar fiz meu relato né juntei o deles, fiz o meu relato, apontando como causa os menores que fizeram parte ali e levei pro delegado de trabalho. Um cidadão muito...

E. Quem era o delegado na época o senhor lembra?

A. João Bentes de Almeida, por sinal uma pessoa excelente, exemplar, exemplar no bom sentido, ponderado, excelente,... extraordinário e aí levei as considerações porque eu tinha que informar a autoridade aquele ato era eu o responsável. Então ele pediu que eliminasse eles do quadro social. Disse a autoridade para eliminá-los do quadro social. Então eliminei alguns né, aqueles que constavam que formaram ainda uma comissão né com uma espécie de comissão diretiva, uma espécie de uma direção paralela,(risadas) hoje é muito comum o tal de governo paralelo, hoje se usa muito isso.

E. Isso em 47/48?

A.(risadas) É, então dei conhecimento ao delegado e ele me autorizou a eliminação do quadro social e não sendo sócio não pode participar das assembléias, porque todas as assembléias que estiverem presentes eles vão conturbar. Então infelizmente aconteceu isso. Mas nada mais do que isso porque foram cuidar do serviço deles e eu comuniquei a eles a decisão, não minha mas da autoridade, a quem competia o ato, não fiquei com inimigos, ficaram sempre me querendo bem e reconhecendo a minha condição e naquela mesma época o nosso sindicato estava estabelecido na mesma rua mas num prédio que pertencia a Igreja Polonesa, Igreja Polonesa(mil e quinhentos e poucos...?)E por acaso um dia me aparece na Folha da Tarde o anúncio de vende-se um prédio na rua Ernesto Fontoura e tal tal, nós estávamos lá e eles queriam aquilo lá pra Associação deles, queriam o prédio pra

colocar a juventude deles aquela coisa então vinham entrando com o pedido de ocupação e como o sindicato prestava assistência social então o Juiz não concedia dar a eles o habite-se do prédio mas era um constrangimento né. E me aparece na Folha da Tarde. Mas nem queira saber foi pra já. Na época nós tínhamos o IAPI, IAPI

E. Dos industriários

A. ..que tinha por sinal um delegado, excelente pessoa Dr. Brasiliano Indio de Moraes e eu consultei o meu colega da diretoria, consultei nosso médico que nos dava uma mão muito grande e acharam um excelente negócio. E não teve dúvida em dois dias após mandaram fazer avaliação do prédio e constataram que estava dentro da..e foi questão de 30 dias foi despachado pela presidência do Instituto Nacional era o não me lembro o presidente, a ordem de financiamento, o sindicato adquiriu isso aqui como sede própria por um preço muito razoável e financiou pelo IAPI, está aqui até hoje e caso contrário não sei onde estaria. Talvez numa barraquinha então isso foi um acontecimento. Mas os mesmos dessa passagem anterior queria proibir né..(...?) deveria ter a sede própria e tal e isso foi um dos acontecimentos né.

E. E fora desse momento que houve uma tentativa de criar uma coisa paralela que eles vieram e tal havia normalmente participação de pessoas com opiniões muito diferentes nos debates, nas assembléias?

A. Existiam, existiam. Isso era comum. Também era comum nas assembléias né a gente tinha que ter pulso, porque tinha que caçar a palavra ou conceder quando a palavra desvirtuava, dizer estamos tratando é isso assim assim issos que aconteceu lá ou está acontecendo lá não faz parte do nosso grupo. Nós somos(risadas) Fiação e Tecelagem não podemos misturar as coisas. Mas havia debates acalorados

E. Faz parte da própria vitalidade

A. é da época, coisa da época, vitalidade da época. E sabe que aquilo tinha valor eram discussões, às vezes estereis e contrários aos interesses da categoria mas tinha valor, aquilo servia como uma crítica como uma auto-crítica esquentava tanto a platéia, a assembléia, como o próprio indivíduo que dirigia a assembléia como ele devia se portar o comportamento aquela coisa né, comum e às vezes acontece pra apelação. Na época era muito comum os elementos que não estavam satisfeitos: - não porque eu já vou chamar e tal e tal....nada de chamar ninguém, tem que ter personalidade de resolver o problema de frente e convencer se você estiver certo vai ter a maioria e se estiver errado vai ter que se conformar. Eu sempre tive sorte eu sempre tive a maioria. Sempre tive a maioria. Não criei inimidade nenhuma pelo contrário né. Porque a gente trabalhava com firmeza, firmeza e coisas definidas não se vai em coisas talvez, prováveis....

Fim do Lado A da Fita Número 2

Abrelino Freitas

12/01/96

Início Lado B da Fita Número 2

Abrelino Freitas

12/01/96

A. A parte econômica do trabalhador, é como eu difo aquele trabalhador que tinha a família organizada, e que dirigia bem o seu salário, seus ordenados, eles criaram condições de estarem tranquilos. Tendo as suas propriedades, uma até mais propriedade casas, criar seus recursos próprios pra sobreviver mais tarde, depois de aposentado ter sua casa para morar mais um terreno, ou dois ou três pros filhos quando casarem e tal irem morar lá e essas coisas. Claro que não foram muitos, mas foram bastante, um número bem grande de pessoas que pensavam em aproveitar seu ganho. Agora, aqueles que desmanseladamente extravagantes aquele continuaram e hoje estão sofrendo nas argurias numa vila popular num aglomerado, essas coisas passando dificuldades maiores, quanto hoje os ganhos são pequenos não satisfaz uma grande camada da população obreira não satisfaz mas foi bastante atenuado pelo sistema atual. A extinção da inflação, com esta inflação que temos hoje aí ela facilita bastante e o controle por exemplo dos acréscimos nas prestações das habitações, também ajuda um pouco, freiou um pouco então. (telefone) A única coisa que intranquiliza mais é o desemprego a muita mão de obra ociosa, muito desemprego, por dois motivos: a modernização da indústria, máquinas da mais alta produtividade onde ocupa menos pessoas produz três vezes mais do que produzia antes com menos mão de obra e a redução dos quadros, que automaticamente vai sobrando gente e vai vindo a dispensa e as pessoas ficam sem emprego e isso torna-se assim uma certa calamidade quando a pessoa ganha pouco, mas ele pode calcular a vida manter a sua vida naturalmente que de acordo o com o ganho mas que tenha o salário certo mas ele vai vivendo com a esperança ele vive mas o que perde o emprego entra em pane, se tem uma reserva vai vivendo consumindo aquela reserva que não é satisfatório é uma reserva pra imprevisto. Então ele tem que lançar mão daquilo. E o que não tem nada esse aí..

E. O senhor estava falando antes de moradia eu queria perguntar o seguinte o senhor quando veio pra Porto Alegre ficou morando nessa região mesmo ou ficou morando em outro bairro? Quando começou a trabalhar na Arrozeira o senhor morava por aqui mesmo?

A. Olha eu morava sempre na aqui na zona Navegantes, próximo.

E. As indústrias ficavam todas elas ali né?

A. É todas elas localizadas todas elas localizadas ali.

E. O senhor morava mais ou menos onde?

A. A minha residência foi rua Dona Margarida 895.(risadas)

E. O senhor ficou por muito tempo?

A. Por bastante tempo.

E. E atualmente?

A. Não, não porque eu ocupava uma casa de aluguel aí depois eu comprei uma casa em Niterói no município de Canoas e passei a residir lá e acabei de criar a família lá em Niterói, rua Belém 265.(risadas)

E. Uma outra questão, havia muitos operários imigrantes aqui o senhor mesmo falou da igreja polonesa aqui no bairro, muitos poloneses, muitos alemães.

A. Como os islâmicos.

- E. E na categoria em geral havia um número muito grande de imigrantes ou já eram trabalhadores nacionais?
- A. Tinha imigrantes e já tinha aqueles a já origens, filhos de imigrantes já nascidos aqui já brasileiros. Mas tinha imigrantes.
- E. As nacionalidades eram?
- A. Eslavos, polonês, a maioria polonesa e iugoslavo, ucraniano, lituano, romeno, estuânio, russo, alguns mas tinha .
- E. E no geral esses imigrantes mais recentes eu digo os que vieram neste século, que não eram filhos chegavam a ser a metade eram menos da metade da categoria?
- A. Não. $\frac{1}{4}$ da categoria.
- E. $\frac{1}{4}$ da categoria, eu não conseguia ter muito a idéia dá para acompanhar pelos registros que existia bastante mas não dá pra ter a certeza.
- A. Seria $\frac{1}{4}$ né.
- E. E principalmente dessa região da Polônia...
- A. Daquele grupo ali da vamos dizer da Velha União Soviética, a União Soviética compreendia todo aquele grupo da raça eslava, poloneses, lituano, estuânio, o checo os russos, os chechenos, ucranianos e romenos e por aí a fora né.
- E. Muitas famílias ainda chegaram do durante a década de 30?
- A. É durante a década de 30, chegaram.
- E. O senhor chegou a ver, acompanhar ou sentir algum tipo de atrito entre os grupos ou tipo de conflito, como era a convivência entre as várias nacionalidades como entre eles e as que já eram brasileiros no caso?
- A. Aquela gente tinha uma finalidade, uma finalidade trabalhar trabalhar, trabalhar trabalhar, ouviu ganhar hoje pra ter amanhã. Então eles não se envolviam em nada em nada absolutamente nada a não se trabalha trabalho o que falta muito pro nosso trabalhador nacional esse espírito de trabalhar hoje pra ter amanhã. Trabalhar hoje pra gastar hoje. Tu consumir hoje, é muito consumista né consumista consome muito só quer consumir. Eles não, aquela gente não, eles vinham imbuídos de o propósito deles era trabalhar trabalhar pra formar um bolinho deles pro futuro pra terem as suas casa, seus negócios, constituírem suas famílias, educarem os filhos.
- E. Em relação a participação no sindicato o pessoal dessas outras nacionalidades, participava ou era difícil conseguir a participação?
- A. Eles participavam mas de maneira muito discreta, muito discreta, eles não eram reclamante. Eles faziam questão de terem o trabalho terem o ganho.
- E. Então na participação mesmo dentro do sindicato havia uma grande maioria dos trabalhadores nacionais mesmo?
- A. O nacional, o nacional
- E. Certo
- A. 99% é do trabalhador, há de origem de terceira geração lá mas estes participavam mas estes já estavam com o sangue 90% caboclo. Mas aquele de primeira e Segunda geração era gente muito cautelosa e vinham de uma experiência lá do velho mundo, lá da vida deles e chegavam com muita cautela e com o propósito de, o medo gente que vinha dela talvez com alguns deixavam a família lá. Eu vi gente chegar a trabalhar aí e vinha o fim

do mês ia no consulado trocava, comprava o dólar e através do consulado mandava pra família, uma gente muito unida, muito experiente, muita experiência da vida, muito sofrida, o nosso aqui é (risadas) tanto faz, principalmente hoje tanto faz. (risadas)

E. Eu queria fazer uma última pergunta. As pessoas que eu entrevistei aqui sempre falam muito das enchentes né, especialmente da famosa enchente de 41.

A. É, É

E. O senhor deve lembrar as indústrias foram bastante atingidas, porque a maioria delas estava muito próxima

A. Todas, muito atingidas

E. Isso causou muito transtorno para as indústrias e para o bairro?

A. Para as indústrias causou claro, pras indústrias causou. Para os trabalhadores não, porque eles eram aproveitados, eram aproveitados em grande parte, porque, por exemplo, as indústrias aproveitaram lá a D. Pedro na Segunda parte alta pra colocar lá as matérias primas que tinham sido atingidas, aquelas que chegaram a ser atingidas pela água, a matéria prima, o produto já acabado e teve indústria que colocou grandes barcos. A Arroseira Brasileira colocou um lanchão desses lanchão grande pra dar proteção e botar ali o que dava, e levantar o que dava através de armações, porque aqui a água foi por aí assim. As indústrias tiveram muito prejuízo, mas naquela época os industriais não eram, eles tinham outra formação eles iam depois, através da produção tirar, buscar recuperar o prejuízo não descarregavam no trabalhador nem andavam piranhando no governo. Eles iam trabalhar pra recuperar o perdido, havia um outro espírito, um espírito mais sadio, mais produtivo, mais sensato. Não era querer tirar nas costas dum aquilo que perdeu lá, hoje não, o sujeito perde uma cebola podre e vai tirar na batata (risadas). Tinha que trabalhar, produzir pra recuperar aquele prejuízo porque aquilo foi um fenômeno. Culpar quem? Que nem hoje estão culpando o governo por causa da seca, o que tem o governo com a seca filho? Então todos os dias lá né, comissão e comissão. Vamos parar com isso. Vamos trabalhar. Vamos né vamo dá um jeito procurar resolver, como vão resolver? Tem lá tem um lago e tal vamo ver sem prejuízo se secar o lago puxar uma canalização ou esperar que São Pedro se compadeça e mande uma tromba d'água. Agora já tão se queixando que chuva é de Marte(?) isso aí eu não sei eu não me quaduno com isso. Naquelas épocas não tinha nada disso.

Também não tinha financiamento, a pessoa trabalhava, produzia, recuperava os prejuízos quando vinha uma catastrophe daquelas, tinha que recuperar e tudo bem.

Passava aquilo lá, enxugava, secava o lodo lá aquela coisa né, saía a murrinha dos lagos ficava tudo seco as máquinas já tudo trabalhando azeitadinha, normalmente, uma maravilha né, já recuperando o perdido então o espírito era esse: trabalhar e produzir e não andar choramingando aí querendo que alguém cubra o prejuízo diso daquilo daquilo outro era muito bom, muito sadio. Hoje é hoje e tudo mudou e o que se vai fazer é ter aquela esperança de que dias melhores virão. Que a reintegração dessa gente, essa mão de obra que andam por aí perambulando, essas famílias pobres sem emprego, o salário desemprego é por pouco tempo é transitório e é pouco e é por pouco tempo e não garante condições de possibilidade de conseguir emprego imediato não é fácil pra muitos, alguns é tem a sorte de encontrar, mas pra todos não dá prolifera as banquinhas

de gente vendendo coisas na rua é aí que essa gente está. A grande parte da gente está vivendo disso aí o grande meio de ganhar o pãozinho de cada dia, então a gente e de bom senso tem de olhar pra tudo isso e não querer chamar de vagabundo o casal que está com a banquinha ou correr com ele dali -vai botar essa porcaria prá lá

E. Não tem muita alternativa né?

A.... calma, bom senso pra que todos possam viver de uma maneira tranquila..que é isso que nós almejamos.

E. Então tá. Seu Abrelino, por enquanto era isso e queria agradecer muito pela sua entrevista..

A. Desculpe se eu não satisfazer, porque...

E. O senhor foi excelente me deu muitas informações e eu pretendo a medida que eu tiver, inclusive mais informações, que eu vou buscando nos jornais, eu estou tentando fazer contato com as próprias indústrias, pra ver se é possível consultar alguns materiais e a medida que eu tiver mais curiosidades eu volto a lhe procurar com certeza.

A. Está fazendo curso de?

E. História.

A. História.

Fim da entrevista realizada com Abrelino Freitas em 12/01/96